

A universidade e a interpretação do Brasil

Thiago Lima Nicodemo



**As edições do cânone –
Da fase buarqueana na
coleção História Geral da
Civilização Brasileira
(1960-1972)**
André Carlos Furtado
Eduff
262 páginas | R\$ 52

Poucos autores brasileiros receberam tanta atenção nos últimos anos como Sérgio Buarque de Holanda, considerando não apenas a quantidade de livros publicados, de reedições, de homenagens, mas sobretudo de trabalhos acadêmicos dedicados a esmiuçar aspectos da sua obra. Assim como ocorreu com Machado de Assis ou Guimarães Rosa, o acúmulo de fortuna crítica permitiu um investimento para além da exegese textual, direcionando investigações às reverberações e reapropriações das suas obras ao longo do tempo, assumindo o desafio de avaliar o peso desses autores na cultura brasileira.

As edições do cânone: Da fase buarqueana na coleção História Geral da Civilização Brasileira (1960-1972), de André Carlos Furtado, contribui para sedimentar esta fase na interpretação de Buarque de Holanda e pode ser equiparado a outras iniciativas recentes, tais como os livros *Signo e desterro*, de Pedro M. Monteiro (2014), *A morte do homem cordial*, de Rafael P. da Silva (2015), a até então inédita edição crítica de *Raízes do Brasil* (2016), ou o recente dossiê sobre os 80 anos de *Raízes do Brasil* da *Revista Brasileira de História* (2016). O ímpeto em comum é o de escovar a memória disciplinar a contrapelo, retrospectivamente, mostrando como e por que algumas interpretações atribuídas a Buarque de Holanda tornaram-se predominantes em detrimento de outras, ajudando a condicionar nosso olhar sobre o Brasil.

O livro se lança ao desafio de integrar dois movimentos. O primeiro é o papel de Buarque de Holanda no processo de disciplinarização da história na universidade brasileira; o segundo, o legado do autor na constituição de uma cultura de resistência à ditadura militar e, posteriormente, no imaginário do período da abertura política. De modo retrospectivo, a obra começa a partir do segundo movimento com uma análise instigante sobre a resignificação do pensamento de Buarque de Holanda na década de 1970, em compasso com o debate público em torno da democracia e da garantia de direitos sociais. Sérgio Buarque de Holanda conjugava ação política, por meio do Centro Brasil Democrático, com a escrita de textos como *Da Monarquia à República* (1972); enquanto, quase simultaneamente, o filho Chico

Buarque fazia sucesso com canções de protesto e a peça *Calabar* (1973). O livro de Furtado mostra as nuances e contradições do campo de forças que converge para essas construções sociais.

O papel da coleção *História Geral da Civilização Brasileira (HGCB)* como um vetor da disciplinarização da história na universidade, que corresponde ao outro eixo, é tratado em dois capítulos. Amparado solidamente por estudos em história cultural e editorial, Furtado avança muito na compreensão das circunstâncias de edição e circulação da obra. A Difel, editora da obra, entendeu a universidade enquanto um mercado a ser explorado e assim a coleção segue linhas semelhantes a manuais, como o *História Geral das Civilizações*, traduzido e publicado pouco antes.

A pesquisa avança menos do que poderia na compreensão da reestruturação do campo dos estudos históricos diante do advento da universidade. Já se sabia que a *HGCB*, enquanto obra coletiva, ocupou posição estratégica, pois se aproveitou das primeiras levas de estudos monográficos produzidos no contexto universitário, majoritariamente na Universidade de São Paulo (USP). Também era conhecida a prevalência do século XIX na fase buarqueana, já que cinco tomos tratam do período (apenas dois tratam da fase colonial). A pergunta essencial é como a história do Brasil deveria ser escrita a partir desse novo lugar de social que é a universidade, especialmente a USP. Para respondê-la, conviria uma leitura mais atenta da tradição de escrita da história do Brasil, não só a que vem desde Francisco A. de Varnhagen, mas a que se colocava naquele momento com outras sínteses, representadas por obras tão díspares quanto as de Pedro Calmon ou de Nelson Werneck Sodré. A resposta de Furtado é simplista ao apontar um “desejo de ver superada a tradição histórica precedente” por parte de um certo “paradigma uspiano”, encarado com homogeneidade excessiva.

Isso não compromete um valioso esforço de pesquisa exaustiva e original que foi muito além das exigências do mestrado e sobre o qual se espera que rendam bons frutos.

Thiago Lima Nicodemo é pesquisador do Instituto de Estudos Brasileiros da USP e professor adjunto do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Ciência e poesia

José de Souza Martins

O belo livro de poesias que Carlos Vogt acaba de lançar (*Novos poemas*, Ateliê Editorial, Cotia, 2016) nos põe em face do lugar da arte na vida do cientista. Criou-se entre nós a impressão de que ciência e arte não se combinam e que a verdadeira mente científica é a mente desprovida de sensibilidade artística. Leonardo Da Vinci era cientista e artista. Carlos Vogt é um reputado linguista, que já foi reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e presidente do Conselho Superior da FAPESP. Um homem profissionalmente formado nos marcos do rigor científico e das formalidades da administração da ciência.

Nas próprias universidades brasileiras há vários e expressivos casos de profissionais da ciência e da filosofia que também se dedicaram à arte. O nome mais emblemático é, muito provavelmente, o de Paulo Vanzolini, diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP), formado em medicina por essa mesma instituição, doutorado em zoologia pela Universidade Harvard. Era também poeta e compositor, autor de *Ronda* e de *Volta por cima*.

A antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP tem tido um significativo elenco de poetas e literatos. Fui aluno de João Cunha Andrade, professor de história da filosofia, autor de um livro de poemas, *A árvore da montanha*. O Departamento de Filosofia teve outro poeta de fina sensibilidade, Bento Prado Jr., que deixou sonetos nas páginas do *Suplemento Literário do Estadão*.

Ou José Jeremias de Oliveira Filho, professor de sociologia, que reuniu suas poesias no livro *Incompetência do só*. Ou, ainda, Duglas Teixeira Monteiro, já falecido, também professor de sociologia. Numa pesquisa sobre pequenos agricultores do norte do Paraná, registrou situações dramáticas que lhe permitiram escrever a peça de teatro *Água da memória*, ganhadora de prêmio do Serviço Nacional de Teatro. E, claro, publicou também um artigo científico em revista especializada.

A antropóloga Margarida Maria Moura, alterna antropologia e poesia com competência científica e sensibilidade poética. O livro de suas poesias, *Ser tão sertão*, é prefaciado por Antonio Candido. Nela, há poesia também no texto científico. É o que se vê na obra do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, doutorado na USP, professor na Unicamp, autor de vários belíssimos livros de poesia. Num deles, *Diário de campo – A antropologia como alegoria*, inclui 10 poemas que resgatou do interior do capítulo I, de *O capital*, de Karl Marx. Marx pretendia ser poeta antes de ser filósofo. Por considerá-lo mau poeta, seu pai o convenceu a desistir. Dedicou-se à filosofia e à ciência. No entanto, a poesia está presente em toda sua obra sociológica. O sociólogo venezuelano Ludovico Silva, em *O estilo literário de Marx*, descobriu que várias formulações supostamente conceituais desse autor, como a de superestrutu-



Novos poemas

Carlos Vogt
Ateliê Editorial
136 páginas | R\$ 60,00

tura, são formulações literárias e não conceituais. Os cientificistas não viram a poesia de sua ciência. Brandão esclarece que os poemas sobre a coisificação da pessoa já estavam lá, no texto de Marx, bastou-lhe apenas reordená-los pela estrutura poética que já continham.

É *fellow* de meu College, na Universidade de Cambridge, e meu amigo, Sir Roy Calne, pioneiro nos transplantes de fígado na Europa. Ele é, também, um reconhecido artista plástico, autor de belas e sensíveis pinturas, algumas das quais retratam seus pacientes.

Ciência e arte não se separam. Nestas poesias de Carlos Vogt, a dialética do linguista e pesquisador está inteiramente presente na construção dos poemas. Ele viu em situações do cotidiano práticas que pediam mais do que ciência, pediam o lirismo do poeta para revelar a ternura do poema, como em “Vinheta”:

*Mães
batiam no
futuro para
corrigir o
desconhecido.*

Vasculhou provérbios populares, como “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, para ali decifrar o poema que contém:

*Ponha uma pedra no coração
e ele será um coração de pedra
cheio do vício de amolecer sozinho
na água dura da constância
de ser pedra que a água fura
pedra amolecida que a onda-gota bate
e vaza e traspassa no orifício
que escorre a pedra em água pura.*

“Vazio” é o poema do relativo, que expõe a concepção viciosa da métrica:

*Tudo é tão grande
Que nada pequeno
Cabe nessa imensidão.*

E em “Novo mandamento”, o cientista decifra a contradição do ser humano:

*O amor
é pecado
se não for
cometido.*

José de Souza Martins é membro da Academia Paulista de Letras e do Conselho Superior da FAPESP. Entre outros livros, é autor de *Desavossos – Crônicas de poucas palavras* (Com Arte, 2015).